



**Nota técnica sobre a  
escultura "Mima"**

**Alessandra Bettencourt Figueiredo Fraguas  
Pesquisadora - Museu Imperial/Ibram/MinC  
Matrícula 3090-237**

**Petrópolis, 28 de novembro de 2024.**

## NOTA TÉCNICA: JUSTIFICATIVA PARA A RETIRADA DA ESCULTURA “MIMA”, DE AUTORIA DE JOSEPH ARTHUR DE GOBINEAU, DA EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO DO MUSEU IMPERIAL

Em 2024, o dia 20 de novembro, celebrado há anos em alguns estados brasileiros, passou a ser feriado nacional, após o presidente da República sancionar a Lei n.º 14.759, de 21 de dezembro de 2023, e declarar a data *Dia da Consciência Negra* e *Dia Nacional de Zumbi dos Palmares*. O ato corrobora os esforços relativos aos avanços jurídico-legais que têm permitido, ainda que muitas vezes, de forma mais vagarosa que a desejável, ações afirmativas, por um lado, e punitivas, por outro, visando combater o racismo, sobretudo estruturalmente.

Nesse bojo, a direção e a equipe técnica do Museu Imperial percebem a necessidade de rever, discutir e ressignificar suas curadorias (em exposições, eventos, publicações, etc.). Foram promovidas algumas ações reconhecendo que, para além da história da família imperial e das elites oitocentistas, outras narrativas precisam ser contempladas pela instituição criada para preservar, contar e difundir a história do período imperial brasileiro, da cidade de Petrópolis e do estado do Rio de Janeiro.

A temática da memória negra não é uma novidade na instituição, com destaque para os eventos promovidos por ocasião das comemorações do centenário da Abolição, em 1988, seguidos da publicação dos respectivos anais e do catálogo de uma exposição. Posteriormente, em 1990, a equipe do Arquivo Histórico organizou e editou o *Catálogo dos Documentos Textuais Relativos à Escravidão*.

Entretanto, o contexto atual é outro, e para atender à pauta que cobra um espaço para a história e as memórias negras, ações institucionais estão em desenvolvimento. Desde 2023, houve a promoção de uma *Oficina Sankofa*, ministrada pelo professor Maurício Vicente Ferreira Júnior, de um curso sobre “decolonialidade e decolonização”, ministrado pelas professoras Márcia Chuva e Jamile da Silva Neto, e a abertura de editais que possibilitaram a contratação de consultorias para um curso de letramento racial para todos os funcionários do museu, para a elaboração de um manual de práticas antirracistas e para o desenvolvimento de consultoria para a curadoria de uma exposição sobre a “Memória Negra no Acervo do Museu Imperial”.

O enfoque desses projetos é destacar os protagonismos e os agenciamentos das pessoas negras, promover a reflexão sobre tanto tempo de silenciamentos e apagamentos, bem como revisitar itens do acervo que possam alavancar um processo curatorial mais inclusivo e, sobretudo, problematizador.

No *Manual de Práticas Antirracistas* para o Museu Imperial/Ibram, Moisés Corrêa Fonseca da Silva, consultor especializado, contratado pelo edital OEI/Ibram/17/003 - Ibram III, enfatiza:

Por que ter práticas antirracistas no museu? Os museus são espaços privilegiados de preservação, comunicação e celebração da história e da cultura humanas. Contudo, à medida que a sociedade avança e reflete sobre sua diversidade e desigualdades, esses espaços são chamados a revisar suas práticas, narrativas e estruturas internas. Incorporar práticas antirracistas em um museu não é apenas uma ação de justiça social, mas uma **necessidade ética** e institucional para que ele cumpra plenamente seu papel como agente de transformação [...]. (grifo nosso)



A assertiva vai ao encontro das proposições do Conselho Internacional de Museus (ICOM) e da nova definição de “museu”, do próprio Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e da “Política Nacional de Museus”, além das discussões que permeiam os foros acadêmicos. Recentemente, por exemplo, no âmbito do *VIII Fórum Ibérico de Estudos Museológicos*, realizado na Universidade de Coimbra (Portugal), onde se discutiu “Museologia e Ética: Práticas Atuais e Novos Dilemas”, ficou evidente que os objetos precisam ser problematizados nas exposições e que questões éticas não permitem que itens sejam desvinculados de suas autorias e contextos de produção.

Como alertou Pierre Bourdieu (1990), o campo intelectual não é um mundo à parte e a produção de obras (de arte, literárias, científicas, etc.) não se deve apenas ao “gênio criador”, a questões estilísticas ou aos cânones. Os objetos – uma escultura, por exemplo – representam também a visão de mundo de seu autor (a), um *ethos* que condensa modos de ser, pensar e estar no mundo. Uma visão de mundo. A escultura *Mima*, de autoria de Joseph Arthur de Gobineau, que integra o acervo do Museu Imperial/Ibram/MinC, não escapa dessa perspectiva.

Conforme a ficha técnica do item, que está sob a guarda da Museologia, a escultura deu entrada no museu em 1941 (Processo 387/41). Assim como outros objetos, a sua aquisição se deu por transferência do Museu Nacional, no período de formação do acervo do Museu Imperial, no intervalo entre o decreto de criação do museu (29 mar. 1940), assinado pelo presidente da República, Getúlio Vargas, no auge do Estado Novo (1937-1945), e a composição do acervo e da exposição de longa duração e a abertura ao público (16 mar. 1943).

A ficha técnica, principal repositório das informações sobre a escultura *Mima*, registra os dados administrativos e as informações técnicas, como a descrição, que se limita às características físicas do objeto tomado como obra de arte. A autoria é assinalada; há um *fac-símile* da assinatura de Gobineau, inclusive. Sobre o autor, apenas a descrição: “Joseph Arthur, Conde de Gobineau, escultor, escritor, diplomata, historiador e poeta, nasceu na Ville-d’Avray em 14 de julho de 1816 e faleceu em Turim em 1880 [sic]”. Entretanto, a ficha omite, ou silencia, uma informação relevante: Gobineau é também o autor do *Ensaio sobre a Desigualdade das Raças Humanas*<sup>1</sup>, publicado entre 1853 e 1855, em vários volumes. A obra é considerada um marco das teorias racialistas e do racismo (pseudo)científico, cuja tese do “arianismo” serviria de base para Adolf Hitler e o Nazismo.

Todos os principais estudiosos do campo científico no século XIX, da história das ciências, das relações étnico-raciais reconhecem Gobineau como o “Pai do racismo”. Claude Lévi-Strauss, antropólogo francês e um dos mais importantes pensadores do século XX, menciona Gobineau no início da conferência publicada pela UNESCO, em 1950, sob o título de *Raça e História*<sup>2</sup>, no contexto que se seguiu ao Holocausto (*Shoá*), à destruição e aos horrores da Segunda Guerra Mundial. Logo no segundo parágrafo do texto, Lévi-Strauss (1980) analisa:

[...] Não devemos esquecer que Gobineau, a quem a história fez o pai das teorias racistas, não concebia, no entanto, a “desigualdade das raças humanas” de uma maneira quantitativa mas sim qualitativa. Para ele, as grandes raças primitivas que formavam a humanidade nos seus primórdios – branca, amarela, negra – não eram só desiguais em valor absoluto, mas também diversas nas suas aptidões particulares. A tara da degenerescência estava, segundo ele, ligada mais ao fenômeno da mestiçagem do que à posição de cada uma das raças numa escala de valores comum a todas; destinava-se, pois, a atingir toda a humanidade, [...]. **Bastou a Gobineau ter cometido este pecado para se ter encerrado no círculo infernal que conduz de um erro**

<sup>1</sup> Título original: *Essai sur l'inégalité des races humaines (1853-1855)*.

<sup>2</sup> Título original: *Race et Histoire*.

**intelectual, não excluindo a boa-fé, à legitimação involuntária de todas as tentativas de discriminação e de exploração.** (grifo nosso)

Em 2020, A *France Culture* (Radio France, França, 2020) realizou uma série (*podcast*) em que especialistas foram unânimes em atribuir a Gobineau a invenção do racismo. Ainda em publicação recente, Muniz Sodré (2023, p. 76) reforça: “[...] Para Gobineau, teórico da eugenia e amigo de Dom Pedro II, a mestiçagem conduziria o país [o Brasil] à ruína.”

De fato, Gobineau (1816-1882) se tornaria um dos mais importantes interlocutores de D. Pedro II. Como diplomata francês, foi comissionado pelo governo da França para acompanhar o desfecho da guerra contra o Paraguai no final da década de 1860. Chegou ao Rio de Janeiro em 1869, quando se tornou próximo de D. Pedro II, cultivando uma amizade que duraria até a sua morte, em 1882, como atestam as correspondências ativa e passiva de ambos, editadas, traduzidas e publicadas por Georges Raeders (1938).

As cartas de Gobineau para D. Pedro II integram o *Arquivo da Casa Imperial do Brasil*, fundo arquivístico doado ao Museu Imperial em 1948. Já as missivas que o imperador do Brasil enviou a Gobineau estão depositadas na Biblioteca Nacional e Universitária de Estrasburgo, na França. O Arquivo Histórico do Museu Imperial também possui cópias datilografadas da correspondência (POB-Maço 185 – Doc. 8394) no acervo sob a sua guarda.

No *Anuário do Museu Imperial* de 1942, Afrânio Peixoto publicou um texto sobre a *Mima*, no qual explica o que as cartas trocadas entre Gobineau e D. Pedro II revelam (Raeders, 1938): a fim de justificar que Gobineau o acompanhasse em sua comitiva, durante a segunda viagem ao exterior (Europa, 1876-1877), D. Pedro II encomendou a escultura ao amigo. O “presente”, cuja chegada ao Rio de Janeiro é descrita nas cartas, foi exposto no Palácio de São Cristóvão, residência da família imperial. A ideia era que a obra de arte ficasse na sala onde o imperador recebia os diplomatas.

Com a criação do Museu Imperial e a política de aquisição de objetos para compor o acervo, a escultura, que então fazia parte do Museu Nacional, foi transferida para a nova instituição, integrando a chamada “Sala dos Diplomatas”, uma das primeiras a que o visitante tem acesso ao adentrar no palácio.

Entende-se que os motivos para a aquisição da *Mima* e a sua disposição na exposição de longa duração do Museu Imperial foi justificada, ao longo de 80 anos, por três pontos: primeiro, por simbolizar a amizade que uniu D. Pedro II a Arthur de Gobineau; segundo, por ser um objeto – uma obra de arte – que pertenceu ao próprio D. Pedro II; terceiro, porque Gobineau era um diplomata e a escultura se adequaria à sala que visa simular esse espaço no Palácio de Petrópolis.

Forçoso é, no entanto, perguntar por que, ao longo de oito décadas, a autoria da escultura não foi questionada. Sabe-se que objetos também são documentos e, por isso, precisam ser “lidos a contrapelo”, em suma, problematizados. Chegado é o momento de rever conceitos e narrativas. Enquanto instituição pública federal, o Museu Imperial serve aos interesses da população em sua diversidade e visa à preservação e à conservação do patrimônio cultural – público –, que inclui múltiplos agentes sociais. Igualmente, atua para a sua difusão e para a educação e a construção da cidadania ampla.

Não é mais tolerável que uma obra de arte – de autoria do “Pai do Racismo” – continue exposta, sem que haja qualquer indagação a respeito. Nesse sentido, e baseada em pesquisas (Fraguas, 2019), sugiro à direção do Museu Imperial e às colegas do Setor de Museologia que a escultura *Mima* seja recolhida à reserva técnica, ou, se exposta, que seja com as devidas explicações ao público, problematizações e contextualizações.

A luta antirracista se faz e se constrói de muitas maneiras. E, se “não basta não ser racista, é preciso ser antirracista”, entendo que o Museu Imperial não pode mais se omitir ante uma obra de Gobineau – o ideólogo do racismo –, a qual expressa os ideais do arianismo.

Petrópolis, 28 de novembro de 2024.  
Alessandra Bettencourt Figueiredo Fraguas  
Pesquisadora-Museu Imperial/Ibram/MinC  
Matrícula 3090-237

#### Referências:

BOURDIEU, Pierre. *O campo intelectual: um mundo à parte*. In: Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 169-180.

FRAGUAS, Alessandra Bettencourt Figueiredo. *Entre Júpiter e Prometeu, a complexa trajetória de d. Pedro II: um agente no campo científico (1871-1891)*. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019. 207f. Disponível em: <http://www.btdt.uerj.br/handle/1/19010>

LÉVI-STRAUSS, Claude. “Raça e História”. In: *Os Pensadores*. Claude Lévi-Strauss. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 45-87.

L'INVENTION du racisme: la faute à Gobineau et pas à Darwin. Série [Podcast], *France Culture*, Radio France, França, 2020. Disponível em: <https://www.radiofrance.fr/franceculture/podcasts/lsd-la-serie-documentaire/l-invention-du-racisme-la-faute-a-gobineau-et-pas-a-darwin-8906677>

MUNIZ, Sodrê. *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

PEIXOTO, Afrânio. “A “Mima” de Gobineau”. In: *Anuário do Museu Imperial*. vol. 3. Petrópolis: Ministério da Educação e Saúde, Museu Imperial, 1942.

RAEDERS, Georges. *D. Pedro II e o conde de Gobineau: correspondências inéditas*. São Paulo: Editora Nacional, 1938.

RAEDERS, Georges. *O Inimigo cordial do Brasil: o conde de Gobineau no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.



Sociedade de Amigos  
Museu Imperial



Museu Imperial



sistema brasileiro de museus



instituto brasileiro de museus

MINISTÉRIO DA  
CULTURA



GOVERNO FEDERAL

BRASIL

UNIÃO E RECONSTRUÇÃO